

Onde está o sujeito...

Evandro Salles

Estar atrás da câmera implica em uma busca. Como já apontava Dziga Vertov com o seu Kino-Olho, essa busca faz acoplar a câmera ao olhar. A câmera-olho torna-se nesse movimento uma extensão ativa do pensamento e do desejo – um desejo de encontro ou de descoberta, talvez. Entre o olhar e o mundo estabelecem-se linhas que delimitam, estruturam e definem a abrangência e sentido das construções daquele que aciona a câmera-olho. Todo um construto subjetivo derrama-se no mundo, através do olhar, como uma grafia de imagens que se perpetua em paralelo ao mundo – um mundo que se forma no mundo ou sobre o mundo.

Ver e rever, muitas vezes, a obra fotográfica de Rogério Reis, em suas diferentes séries e momentos profissionais, permite que se descubra uma vertiginosa continuidade de busca que se processa através da câmera-olho do artista. Trata-se de uma continuidade de procura, um mesmo olhar que persiste, obstinado, desde as imagens produzidas como documentação jornalística, quando ainda trabalhava em longos plantões em jornais cariocas, até as recentes e inéditas imagens feitas durante a pandemia, nas quais grita a ausência de pessoas, em um silêncio que busca a todo tempo as vozes que ali não estão, mas que em verdade contextualizam as cenas. Entre um momento e outro, abre-se um universo de criações no qual a imagem liberta-se de suas premissas técnicas, definidas pelo uso clássico da fotografia documental, para alcançar a dimensão de realizações plenamente poéticas.

Ao percorrer, em sucessão, as imagens que constituem sua obra, mesmo esta sendo plural e rica em distinções, percebe-se um momento que, por um lado, define uma ruptura e, por outro, indica uma definitiva unidade. Nesse ponto da trajetória do olhar, o artista assume definitivamente a verdade e amplitude poética que suas fotos e seus personagens circunscrevem. O fotógrafo rompe com a dimensão reducionista com a qual a reportagem enquadra seus personagens assumindo inteiramente a grandeza existencial de tais personagens. Rogério Reis então assume a busca subjacente em toda a sua trajetória, assume o desejo que estabelece a unidade de seu olhar: revelar o sujeito que constrói o seu tempo, seu estar no mundo e sua, digamos, arquitetura da realidade. Apesar de factualmente serem muitas vezes diminutos, a grandiosidade da condição

poética desses personagens revela-se então em sua obra com toda força e transcendência.

Assim, a trajetória temporal do artista e sua obra inscrevem-se (ou deveríamos dizer escrevem-se) como que por uma mesma linha subjacente a cada imagem e a cada diferente momento e tema: o olho-câmara ou a câmera-olho de Rogério Reis parece tecer um texto que busca sistematicamente o sujeito em sua dimensão de criador do seu tempo, de definidor de seu espaço, de articulador e agente de sua própria dimensão poética de existência. Em cada movimento, a interrogação desenha a mesma busca: onde reside o sentido e a alma de cada gesto que nos assombra e ilumina ao ver os seres e coisas do mundo?

Onde Está o Sujeito?, apesar de não ser uma retrospectiva, organiza-se como ampla antologia que proporciona ao público uma viagem a parte significativa dessa extensa busca-olhar de Rogério Reis: desde uma pequena mas densa seleção de suas fotos jornalísticas, que enquadram momentos e personagens fundamentais da recente história brasileira, passando por séries emblemáticas como *Surfistas de Trem*, *Na Lona* (registros carnavalescos), *Linha de Campo*, *Ninguém é de Ninguém* ou a dramática e violenta instalação *Micro-Ondas*, para chegar até séries recentes e inéditas feitas durante a pandemia de COVID-19 como *Phebolitos* e *Exaustão*. Oportunidade extraordinária de nos debruçarmos sobre a obra de um de nossos grandes artistas da fotografia.

Rio de Janeiro, maio de 2022, a propósito da exposição **Onde está o sujeito?** no Centro Cultural Justiça Federal – CCJF / RJ.